

Ensino sem vergonha

Raymundo de Lima*

Foi amplamente divulgado o PISA/2010 (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que situa o Brasil no 57º lugar em matemática, 53º em ciências, 53º em leitura, no ranking de 65 países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O PISA busca medir o conhecimento nestas áreas do conhecimento com estudantes de 15 anos de idade. Em 2010, foi dada ênfase na leitura. Estamos mal.

A China (Xangai) participou pela primeira vez do Pisa, obteve o primeiro lugar. A Coreia do Sul conquistou a segunda melhor colocação, com 539 pontos; seguido da Finlândia, com 536, considerada a melhor escola do mundo. O score brasileiro subiu 16 pontos (de 396, em 2000, para 412, no ano passado); estamos acima da Argentina (58º), Panamá (62º) e Peru (63º), mas ficamos abaixo do Chile (44º), Uruguai (47º), México (48º) e Colômbia (52º).

Hipóteses são levantadas sobre as causas do baixo desempenho dos alunos brasileiros: as políticas de governo, indisciplina em sala de aula, falta de monitoramento dos pais, descomprometimento dos docentes, aversão dos nossos alunos para ler e estudar etc. Em maio/2010 houve uma discussão na nossa Câmara Federal para um plano de incentivo à leitura. Somos conhecidos como um povo que tem

aversão aos livros, diz o jornal inglês *The Economist*. Muitos municípios não possuem biblioteca, as escolas não incentivam a leitura porque entendem ser esta uma tarefa dos pais, e os pais acham que ler e aprender é tarefa da escola, e por aí vai. De qualquer modo, os efeitos da falta de leitura são conhecidos: compreender mal, escrever mal, pensar mal, e até viver mal. Porque a incultura faz mal a todos.



Comentei o resultado do PISA com professores universitários: eles pareciam dizer “eu não sou responsável por estes resultados”. Também não percebo nossos secretários de educação, sindicatos dos professores, gestores das escolas demonstrarem vergonha

sobre o baixo desempenho dos alunos brasileiros. Resultados assim tão ruins, um dia, causaram vergonha nos governantes e professores nos países asiáticos, que souberam reagir com um plano educacional amplo. Enfim, onde está nossa vergonha?

Efeitos éticos da vergonha

O professor de psicologia da USP, Yves de La Taille (1996, 2006), observa que o sentimento de vergonha nos remete a dois controles: o lado externo nos expõe ao juízo alheio, nos julga; o lado interno pode desencadear a (re)construção da imagem de si que cada um procura realizar e preservar. No caso dos resultados divulgados do PISA,

seguindo La Taille, só a vergonha e a indignação podem abrir um caminho ético-moral para podermos revisar os erros cometidos em nosso ato de ensino. Existe uma atitude sem-vergonha dos metidos a sabidos que desconsideram indicadores como o PISA (controle externo). Outra, é o modo covarde de fugir da responsabilidade de reconhecer “sua parte nesta miséria” (autocrítica), e ser muito fácil culpar os governos, professores, pais, alunos. É uma saída à moda do polvo que esparrama tinta para escapar do perigo (controle subjetivo). São atitudes prejudiciais que nada contribuem para renovar o nosso ensino escolar.

A pesquisa realizada por Bernadete Gatti, da Fundação Carlos Chagas, em 2008, apontou uma importante causa do nosso vergonhoso fracasso escolar: a formação dos nossos professores. Cursos de pedagogia, licenciaturas e mestrados em educação, formam pesquisadores em educação mas não bons professores. São cursos com currículos abstratos, fragmentados, que não atendem a realidade concreta da sociedade. Na China, Coréia do Sul e América Latina (Chile e Cuba) os professores aprendem a “dar aulas”, são monitorados nas salas de aulas, e fazem “pesquisa como princípio educativo”. O Brasil se preocupa em formar professores críticos, mas não autocríticos ou dispostos a reconhecer suas falhas de ler, ensinar e escrever bem.

Blábláblá X Pragmatismo

A China está hoje em 1º.lugar, porque em 1986, sofreu uma grande reforma no seu sistema educacional que trocou o fanatismo ideológico dos tempos de revolução cultural pelo pragmatismo à moda capitalista. No final de 2003, 91% das crianças chinesas estavam na escola. A escolhinha rural e precária do filme

“Nenhum a menos” ainda existe, mas as escolas urbanas aplicam uma metodologia de ensino-aprendizagem pautada no pragmatismo, disciplina e planejamento para enfrentar o mundo globalizado. Deng Xiaoping, o ideólogo do socialismo de mercado, dizia: “não importa a cor dos gatos, mas sim, que eles peguem ratos”. Para alguns ideólogos da educação brasileira importa mais a cor dos gatos do que treinar os bichanos para pegar os ratos que corroem nosso ensino. Um dos ratos é a falta de interesse dos nossos alunos pelo estudo (40,3%). Outro roedor é a falta de controle dos professores sobre os alunos, diz Ilona Becskeházy, da Fundação Lemann.

A ênfase da educação na China, Coréia do Sul, Finlândia, é ensinar ler e compreender textos (não resumos, para passar no vestibular) e dominar matemática e ciências. Na China, há incentivos para o estudante ser inventivo, descobrir soluções para problemas nas diversas áreas do conhecimento e tecnologias.

O documentário “Escolas chinesas” (ver site UNIVESP) mostra os professores com controle sobre os alunos; a disciplina na sala de aula e o interesse dos alunos são imprescindíveis para o trabalho pedagógico. Lá, não existe a cultura do cochicho durante as aulas. O treinamento militar obrigatório vai desde a escola até a universidade, reforçam a concentração dos alunos chineses na aula e o respeito ao professor. Os alunos são incentivados a fazer autocrítica sobre seus erros e pedir desculpas aos colegas (porque insultou um colega, p/exemplo).

Curiosidade: o regime autoritário na China não impede que exista um certo grau de democracia na sala de aula, com eleições, debates, reivindicações etc. Mais um detalhe: a cultura chinesa

valoriza as pessoas que gostam de estudar, ler, fazer inventos, pesquisar. (abaixo o quadro do Pisa/2010).

Referências

A ORIGEM DO SUCESSO (E DO FRACASSO) ESCOLAR. (entrevista c/ Bernadete Gatti). Rev. **Nova Escola**, outubro/2009, p. 48 a 61.

ALVES-MAZZOTI, A.J. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: **Itinerários de pesquisa: perspectivas**

qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ESCOLAS CHINESAS. Disponível em: <http://univesp.tv.br/programas/escolas-chinesas>

GATTI, B. ver no You Tube/ partes de 1 a 6: <http://www.youtube.com/watch?v=wtSzGlrfr8>

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas** (org. Júlio Groppa Aquino). São Paulo: Summus, 1996.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Brasil e Outros Países					
PAIS	Media	PAIS	Media	PAIS	Media
CHINA (SHANGAI)	577	ESLOVÊNIA	499	SÉRVIA	442
HONG KONG	546	IRLANDA	497	CHILE	439
FINLÂNDIA	543	FRANÇA	497	BULGÁRIA	432
SINGAPURA	543	OCDE	496	URUGUAI	427
COREIA	541	ESTADOS UNIDOS	496	ROMÊNIA	427
JAPÃO	529	HUNGRIA	496	TAILÂNDIA	422
CANADÁ	527	SUÉCIA	496	MÉXICO	420
NOVA ZELÂNDIA	524	REP. TCHECA	490	TRINIDAD E TOBAGO	414
CHINA (TAIWAN)	520	PORTUGAL	490	MONTENEGRO	404
AUSTRÁLIA	519	ESLOVÁQUIA	488	JORDÂNIA	402
HOLANDA	519	ÁUSTRIA	487	BRASIL	401
LIECHTENSTEIN	518	LETÔNIA	487	COLÔMBIA	399
SUÍÇA	517	ITÁLIA	486	KAZAQUISTAO	399
ESTÔNIA	514	ESPAÑA	484	ARGENTINA	396
ALEMANHA	510	LUXEMBURGO	482	TUNÍSIA	392
BÉLGICA	509	LITUÂNIA	479	AZERBAIJÃO	389
MACAU	508	CROÁCIA	474	INDONÉSIA	385
POLÓNIA	501	GRÉCIA	473	ALBÂNIA	384
ISLÂNDIA	501	RÚSSIA	469	CATAR	373
NORUEGA	500	DUBAI (EAU)	459	PANAMÁ	369
REINO UNIDO	500	ISRAEL	459	PERU	368
DINAMARCA	499	TURQUIA	455	QUIRGUISTÃO	325



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Professor do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM) e Doutor em Educação (USP).